

# ALGUMA PROPEDÊUTICA SEMIOLÓGICA (1)

Latuf Isaias Mucci 1

## **Resumo:**

Dentro de uma perspectiva epistemológica, este texto propõe uma reflexão liminar sobre a semiologia, a partir da própria nomenclatura: falar “semiologia” ou “semiótica” implica significações, fincadas em pressupostos e fundamentos diferenciados.

## **Palavras-chave:**

Epistemologia; Semiologia; Semiótica.

## **Abstract:**

In an epistemological perspective, this essay aims a preliminary reflection on semiology, from the nomenclature: to say “semiology” or “semiotics” means different significations, based on different foundations.

## **Key-words:**

*Epistemology; Semiology; Semiotics.*

“Hoje, só os métodos podem chamar a atenção, e estes estão surgindo em tamanha quantidade que o próximo passo seguramente será descobrir um método. E isso só pode surgir de uma teoria do método da descoberta”.

C.S. Peirce, *Collected papers*, 2108.

De acordo com a clássica definição filosófica, a epistemologia ou, ainda, teoria do conhecimento, ou gnoseologia – investiga a natureza e os graus do conhecimento, respondendo a questões, tais como: o que podemos nós conhecer? como conhecemos? Portanto, o conhecimento constitui o tópico principal da epistemologia. Embora justapostos, quatro grupos principais de questões circunscrevem o *corpus* da teoria do conhecimento: sua origem, sua natureza, seus tipos, o que é conhecido. Dentro da perspectiva epistemológica, visa este texto a uma reflexão liminar sobre a semiologia, considerada em seus fundamentos.

O que funda uma ciência? Se, como ensina a Bíblia, designar é criar (“*fiat lux!*”), ou, como postula Drummond, o Poeta, “nomear é possuir”, há que se buscar, na designação da ciência semiológica, a sua fundamentação.

---

1 **Latuf Isaias Mucci:** Pós-doutor em Letras Clássicas e Vernáculas (USP). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte (UFF). [proflatuf@uol.com.br](mailto:proflatuf@uol.com.br); [proflatuf@saquarema.com.br](mailto:proflatuf@saquarema.com.br)

Como falar: semiologia ou semiótica? Essa nomenclatura designa, *grosso modo* (mas há, também, uma delicadeza dos signos), a ciência dos signos e dos sistemas significantes (lingüísticos ou não-lingüísticos, como o teatro, o cinema, os ritos etc.); podemos, também, de maneira geral, enunciar que uma mesma diligência dissimula-se por detrás das diferentes denominações de “semiologia” e “semiótica”, oposição fundada, primeiramente, em razões históricas: o filósofo americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) e o lingüista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) conceberam, simultânea e independentemente (em sincronicidade, diria Jung – 1875-1961), um estudo dos sistemas de signos, e, de um modo mais geral, um estudo dos sistemas de significação, nomeado “*semiotics*”, pelo fundador do pragmatismo estadunidense, e “*semiologie*” pelo mestre genebrino. Por outro lado, alguns estudiosos, como A. Greimas, lituano, e J. Courtés, francês, propõem designar-se por “semiótica” a ciência dos signos concernente a um domínio particular (cinema, literatura, por exemplo) e de fazer da “semiologia” a “teoria geral de todas as semióticas particulares” (GREIMAS e COURTÉS, 1999, 405-408). Já outros teóricos reservariam o termo “semiologia” aos objetos lingüísticos e o vocábulo “semiótica” aos objetos não-lingüísticos; para uma outra corrente de pensadores, a semiologia corresponderia às ciências humanas, ao passo que a semiótica teria como objeto as ciências da natureza. Se é incerta, talvez competitiva, a distinção entre semiologia e semiótica, pode-se observar que a designação “semiologia” diz respeito, sobretudo, aos trabalhos de Saussure e por ele inspirados, enquanto que o significante “semiótica” é mais utilizado pela tradição anglo-saxã, veiculando-se, amplamente, na cultura pós-moderna por força mesmo da hegemonia norte-americana. Ponderam Greimas e Courtés:

Essas sutilezas terminológicas, aparentemente fúteis, parecem-nos, entretanto, necessárias para servir de ponto de referência, porque permitem situar as opções fundamentais que presidiram à diferenciação progressiva entre a semiologia e a semiótica (GREIMAS e COURTÉS, 1999, 406).

Derivando do grego *semion*, traduzido, em vernáculo, por “signo”, a semiologia estuda os signos em sua produção, transmissão, interpretação. Embora se constitua um fenômeno dos inícios do século passado, esse estudo dos signos traça uma “pré-história”, na medida em que suas origens remontam muito longe, aos primórdios da filosofia ocidental, em sua gênese grega. Basta referir o *Órganon* aristotélico, a distinção estoíca entre significante e significado, a pedagogia e a teologia de Santo Agostinho (354-430), os tratados dos modistas (gramáticos especulativos, expoentes de um endereço da filosofia da linguagem: Martino di Dacia, Boécio di Dacia, Sigieri de Courtrai, Tomás de Erfurt), nos séculos XIII e XIV, a filosofia da linguagem de Port-Royal (1662) – A. Arnauld, P. Nicole. No albor da idade moderna filosófica, conhece a teoria dos signos um longo período de gestação: John Locke (1632-1704) dedica a última parte de seu *Ensaio sobre o intelecto humano* (1690) à “semiótica”, entendida como doutrina dos signos e, sobretudo, dos signos mais comuns: as palavras. Seguindo o exemplo desse filósofo inglês, Jean-Henri Lambert (1728-1777), filósofo franco-alemão preocupado com a teoria do conhecimento, dedica parte de seu *Novo órganon* (1764) à semiótica, entendida como doutrina do conhecimento simbólico, em geral, e da linguagem, em particular. Estreitamente ligada à gnoseologia, esta semiótica tem seus seguidores no Oitocentos, como o Padre Bernhard Bolzano (1781-1848), matemático e filósofo austríaco, com sua *Doutrina da ciência* (1837), em quatro volumes, e o filósofo Edmund Husserl (1859-1938), cuja obra *A lógica dos signos*, de 1890, só veio a lume em 1970.

Ligando-se à tradição da semiótica filosófica dos dois séculos que o precederam, Peirce lança as bases da semiótica como disciplina autônoma. O estado fragmentário de seus escritos, publicados postumamente (*Escritos*

*recolhidos* – 8 volumes, 1931-1958), tornou e torna ainda difícil uma plena recepção de sua obra de pioneiro. Entre os aspectos mais importantes de sua teoria, vale lembrar: a noção de “interpretante”, como um signo que interpreta um outro signo, e a tripartição dos signos: índice, ícone e símbolo (segundo se opere uma relação de contigüidade, de similitude ou de pura convencionalidade entre o signo e o referente). A Peirce liga-se Charles Morris (1901-1979), filósofo americano, autor, entre outros livros, de *Fundamentos de uma teoria dos signos* (1938) e de *Signos, linguagem comportamento* (1946). A originalidade de Morris reside, principalmente, em ter ele tentado uma síntese entre a instância pragmatista e os aspectos da análise lingüística elaborada pelo neopositivismo. Conforme Morris, podem os signos ser estudados sob três diversos pontos de vista: o semântico, isto é, em relação com o referente; o sintático, em sua relação de combinação recíproca; o pragmático, em sua relação com o uso.

Independentemente dessa semiótica de viés lógico-filosófico, Saussure projeta, no seu *Cours de linguistique générale*, postumamente editado em 1916 (outra sincronicidade une Peirce e Saussure: trabalhos publicados *post mortem*; note-se que outros pensadores-fundadores jamais escreveram livros: Buda, Sócrates, Jesus Cristo, Maomé. Será o destino da letra cristalizar ou “matar”? Serão as leituras e escrituras posteriores traições ao pensamento-fundador?), uma ciência de que faz parte a lingüística: a semiologia, que tem a tarefa de estudar “a vida dos signos no quadro da vida social”. Muitos conceitos e teorias da lingüística sincrônica de Saussure (a noção de língua como “sistema de diferenças”; a teoria do signo como entidade bifacial, composta de significante e significado; a dicotomia “paradigma/sintagma”) assumem um relevo semiológico geral. Assim, grande parte do trabalho dos estruturalistas, que, de um modo ou de outro, pagam tributo a Saussure, pode ser lida, também, na relação do problema da possibilidade de estender os conceitos e as teorias do mestre de Genebra à semiologia geral. Contributos de tal sentido elencam-se: a teoria da conotação do lingüista dinamarquês Louis Trolle Hjesmslev (1899-1965), promotor do círculo lingüístico de Copenhagen (parece que a pesquisa da língua gosta de círculos: Círculo lingüístico de Praga, Círculo lingüístico de Moscou: serão círculos viciosos ou círculos virtuosos ou círculos de virtuosos?); a teoria dos fatores da comunicação do lingüista russo Roman Jakobson (1896-1982) e a teoria da dupla articulação (sincronia/diacronia, forma/conteúdo) do lingüista francês André Martinet. Mais tarde, a semiologia, de inspiração saussuriana dividiu-se em duas grandes correntes: a primeira, que tem como chefe de fila E. Buyssens e de que são representantes de primeiro plano G. Mounin e, sobretudo, o argentino Luis Prieto, autodefine-se “semiologia da comunicação” e dedica-se às análises daqueles sistemas de signos fortemente codificados, em que a intenção primária é comunicativa (além das línguas “naturais”, os sinais de trânsito, os sinais marítimos, os alfabetos Morse e Braille, vários tipos de enumeração, por exemplo):

Do lado do que se poderia chamar a semiologia dos lingüistas, todos os pós-saussurianos, Troubetzkov, Buyssens, Martinet, Prieto, insistiram fortemente no caráter da língua como *sistema de comunicação*, que não estava implícito no *Curso*. Constituíram sobretudo Buyssens e Prieto as bases sólidas de uma semiologia que seria principalmente a descrição do funcionamento de todos os sistemas de comunicação não-lingüística, desde o cartaz até o código da estrada, desde os números dos ônibus ou dos quartos de hotel até o código marítimo internacional dos sinais por bandeiras (MOUNIN, 1971, 11-12).

A segunda corrente, ou “semiologia da significação”, cujo representante mais ilustre é Roland Barthes (1915-1980), toma, ao contrário, em exame, sob um ponto de vista sociológico, todos os fenômenos significativos: os sistemas de objetos de uso (por exemplo, a moda, o automóvel etc.), as comunicações de massa, as artes etc. Umberto Eco

desenvolveu o projeto de um rigor filosófico da semiótica, no quadro de um projeto enciclopédico de filosofia das formas simbólicas (*Apocalittici e integrati*, 1964; *Le forme del contenuto*, 1971; *Trattato di semiotica generale*, 1975; *Semiotica e filosofia del linguaggio*, 1984...). A partir da década de 60, a semiologia, com R. Barthes, aplica-se particularmente à literatura, ocupando-se das grandes unidades significantes do discurso. Buscando fundar suas pesquisas em uma metodologia rigorosa e científica, que pode inspirar-se, entre outras, na lingüística (Saussure), em estudos folclóricos (W. Propp) e na psicanálise (Freud), ou semiólogos abriram novas perspectivas, susceptíveis de trazer proveito a abordagens interdisciplinares.

Semiologia ou semiótica? A escolha não é apenas terminológica, mas teórica, Gênios antitéticos, Saussure e Peirce conceberam, ignorando-se um ao outro, e, praticamente, ao mesmo tempo, a possibilidade de uma ciência dos signos, que procuraram instaurar. Se, apoiando-se em Locke, adotou Peirce o termo “semiótica “ (*semiotics*) para designar a investigação do universo dos signos, Saussure, por seu turno, através da “semiologia geral” (*sémiologie générale*), cujo objeto são os códigos e, sem exclusividade, todos os sistemas de signos -, procurou construir a semiologia da língua como sistema. Para Peirce,

*l’homme entier est un signe, sa pensée est un signe, son émotion est un signe. Mais finalement ces signes, étant tous signes les uns des autres, de quoi pourront-ils être signes qui ne soit pas signe?*

*Pour trouver le point d’ancrage du signe il faut que tout signe soit pris e compris dans le système de signe. Là est la condition de la signifiante... (Apud BENVENISTE, 1974)*

(O homem inteiro é um signo, seu pensamento é um signo, sua emoção é um signo. Mas finalmente esses signos, sendo todos signos uns dos outros, de que poderão ser signos que não seja signo? Para encontrar-se o ponto de ancoragem do signo, é preciso que todo signo seja tomado e compreendido no sistema de signos. Eis a condição da significância) (tradução nossa).

No cerne de tudo – semiologia ou semiótica –, o signo, tema central para também um outro discurso: o signo, produtor complexo da semiose. Ora, como faz notar Umberto Eco:

A semiose é o fenômeno, típico dos seres humanos (e, segundo alguns, também dos anjos e dos animais), pelo qual – como diz Peirce – entram em jogo um signo, seu objeto (ou conteúdo) e sua interpretação. A semiótica é a reflexão teórica sobre o que seja a semiose. Em consequência o semiótico é aquele que nunca sabe o que seja semiose, mas está disposto a apostar a própria vida no fato de que ela exista (ECO, 1989, p. 11, nota).

No labirinto, atraente e ameaçador, da ciência dos signos – uma aventura semiológica (Barthes) -, só temos a trêmula certeza, enunciada, no final esteticista de mais um século, do alto de sua epistemologia poética, por Mallarmé (1842-1842) – aquele poeta mesmo da poesia como “jogo de dados”: “*le monde est fait pour aboutir à un beau livre*” (“O mundo foi feito para acabar num belo livro”). Não será esse “belo livro” uma infinita tessitura de signos, que a semiologia, ou semiótica, lê e recria?

**Nota:**

(1) Para Marialva Barbosa, com signos da Amizade. Para os meus mestrados do 1o./2002 ( que me acompanham o 2o./2001), com signos amoráveis.

**Referências bibliográficas**

- BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l'écriture*. Paris: Méditations, 1968.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris:Minuit, 1974.
- BUYSENS, Eric. *Semiologia e comunicação lingüística*. São Paulo:Cultrix,1972.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ECO, Umberto. *Sobre os espelhos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- GREIMAS, A.J. e COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit, 1963.
- MARTINET, André. *Eléments de linguistique générale*. Paris: Colin, 1966.
- MOUNIN, Georges. *Introduction à la sémiologie*. Paris: Minuit, 1971.
- PEIRCE, Charles. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- PRIETO, Luis. *Messages et signaux*. Paris: PUF, 1972.
- PRIETO, Luis. *Pertinence et pratique*. Paris: Minuit, 1975.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1965.